



TERMOS E CONCEITOS DA MUSEOLOGIA:
MUSEU INCLUSIVO, INTERCULTURALIDADE
E PATRIMÔNIO INTEGRAL

TÉRMINOS Y CONCEPTOS DE LA MUSEOLOGÍA:
MUSEO INCLUSIVO, INTERCULTURALIDAD
Y PATRIMONIO INTEGRAL

DOCUMENTOS DE TRABALHO | DOCUMENTOS DE TRABAJO

DEZEMBRO/2012 | DICIEMBRE/2012

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca do MAST

E56 Encontro Regional ICOFOM LAM (21. : 2012 : Petrópolis)
ICOFOM LAM 2012 : termos e conceitos da museologia : museu inclusivo, interculturalidade e patrimônio integral : documento de trabalho do 21^º Encontro Regional = ICOFOM LAM 2012: términos y conceptos de la museología: museo inclusivo, interculturalidad y patrimonio integral: documentos de trabajo del 21^º Encuentro Regional / Organização Tereza C. M. Scheiner, Marcus Granato, Maria Amélia G. de Souza Reis, Gladys Barrios Ambrocy._ Rio de Janeiro: Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro: Museu de Astronomia e Ciências Afins, 2012.
296p.

ISBN: 9788560069453

1. Museu. 2. Museologia. 3. América Latina. 4. Museologia – Conceitos. 5. Museologia – Termos. I. Scheiner, Tereza C. M. II. Granato, Marcus. III. Reis, Maria Amélia G. de Souza. IV. Barrios Ambrocy, Gladys. V. Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. VI. Museu de Astronomia e Ciências Afins. VII. Título: Termos e conceitos da museologia : museu inclusivo, interculturalidade e patrimônio integral. VIII. Título: Términos y conceptos de la museología: museo inclusivo, interculturalidad y patrimonio integral. IX. Título.

CDU 069

21º. ENCONTRO REGIONAL

TERMOS E CONCEITOS DA MUSEOLOGIA:
MUSEU INCLUSIVO, INTERCULTURALIDADE
E PATRIMÔNIO INTEGRAL

21º. ENCUENTRO REGIONAL

TÉRMINOS Y CONCEPTOS DE LA MUSEOLOGÍA:
MUSEO INCLUSIVO, INTERCULTURALIDAD
Y PATRIMONIO INTEGRAL

COORDENAÇÃO / COORDINACIÓN:

TERESA SCHEINER -BRASIL
MARCUS GRANATO BRASIL
MARIA AMÉLIA REIS - BRASIL

ICOFOM LAM:

GLADYS BARRIOS - GUATEMALA
NELLY DECAROLIS - ARGENTINA
MÓNICA GORGAS - ARGENTINA

APOIO / APOYO:

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO/UNIRIO, MEC
MUSEU DE ASTRONOMIA E CIENCIAS AFINS /MAST, MCT
MUSEU IMPERIAL /MUSIMP, MINC

PAGINAÇÃO / PAGINACIÓN:

TERESA SCHEINER
LILIAN SUESCUN FLÓREZ

21o. Encontro Anual do ICOFOM LAM
Termos e Conceitos da Museologia:
museu inclusivo, interculturalidade
e patrimônio integral

21o. Encuentro Anual del ICOFOM LAM
Términos y Conceptos de la Museología:
museo inclusivo, interculturalidad
y patrimonio integral

Organização / Organización:

- Prof. Dr. Teresa Scheiner (UNIRIO), Brasil
- Prof. Dr. Marcus Granato (MAST), Brasil
- Prof. Dr. Maria Amélia Gomes de Souza Reis (UNIRIO), Brasil
- Prof. Gladys Barrios, Guatemala

Comitê Científico/Comisión Científica:

- Prof. Dr. Alice Semedo, Faculdade de Letras, Universidade do Porto, Portugal
- Prof. Dr. Armando C. Teixeira da Silva, Universidade do Porto, Portugal
- Prof. Dr. Diana Farjalla Correia Lima, PPG-PMUS/UNIRIO, Brasil
 - Prof. Dr. Francisca Hernández-Hernández, Espanha
- Prof. Dr. Heloisa Helena G. da Costa, UFBA e PPG-PMUS, Brasil
 - Prof. Dr. Luiz Carlos Borges, PPG-PMUS, UNIRIO/MAST, Brasil
 - Prof. Dr. Marcio Rangel, PPG-PMUS, UNIRIO/MAST, Brasil
- Prof. Dr. Marcus Granato - PPG-PMUS, UNIRIO/MAST, Rio de Janeiro, Brasil
- Prof. Dr. Maria do Rosário Pinheiro, Universidade de Coimbra, Portugal
- Prof. Dr. Maria Amélia Gomes de Souza Reis, PPG-PMUS/UNIRIO, Brasil
 - Prof. Dr. Marília Xavier Cury, Universidade de São Paulo - USP, Brasil
- Prof. Monica R. de Gorgas, Estancia Jesuítica e Museu Virrey Liniers, Alta Gracia, Argentina
 - Prof. Nelly Decarolis, Presidente Honorária ICOFOM LAM, Argentina

Revisão / Revisión:

Teresa Scheiner, Lílian Mariela Suescun Florez, Gladys Barrios Ambrocy

Diagramação / Diseño:

Teresa Scheiner, Lílian Mariela Suescun Florez

Finalização / Finalización:

Bruno Correia

SUMÁRIO
SUMARIO

Sumário / Sumario:

Programa de Atividades / Programa de Actividades

Masterclass / Conferencia Magistral.....17

Le musée inclusif et la muséologie mondialisée

MAIRESSE, François - Université Paris 3, Sorbonne nouvelle, CERLIS - France.....18

O museu inclusivo e a museologia mundializada

MAIRESSE, François - Universidade Paris 3, Sorbonne nouvelle, CERLIS- França.....35

Conferência / Conferencia.....53

Museu Inclusivo -- Diálogo na Diversidade: Integrando a cultura do deficiente visual

LIMA, Diana Farjalla Correia - PPG-PMUS, UNIRIO/MAST, Brasil.....54

Documentos de Trabalho/Documentos de Trabajo.....80

Resumos Analíticos / Resúmenes Analíticos

Interculturalidade e outras reflexões: por uma transformação dos museus e da Museologia na América Latina

CARVALHO, Luciana Menezes de - Universidade Federal de Alfenas, MG, Brasil.....81

Sumario Analítico

RISNICOFF de Gorgas, Mónica - Museo de la estancia Jesuítica de Alta Gracia, Córdoba, Argentina.....85

G-01 Museologia e Interculturalidade: narrativas plurais

Museología e Interculturalidad: narrativas plurales.....88

Museologia e Patrimônio: um campo de saber em expansão

ALMEIDA, Margarete Zacarias Tostes de, REIS, Maria Amélia de Souza - PPG-PMUS, UNIRIO/ MAST, Brasil.....89

Museu, Musealidade e Musealização: termos em construção e expansão

ALVES, Vânia Maria Siqueira, SCHEINER, Tereza - PPG-PMUS, UNIRIO/MAST, Brasil.....99

Patrimônio como valor, entre ressonância e aderência
BORGES, Luiz C., CAMPOS, Marcio D’Olne - PPG-PMUS, UNIRIO/MAST, Brasil.....112

**Suleando museus e Museologia em direção à América Latina:
o ICOFOM LAM e a interculturalidade latino-americana**
CARVALHO, Luciana Menezes de, SCHEINER, Tereza Cristina -
Universidade Federal de Alfenas, MG e PPG-PMUS, UNIRIO/MAST, Rio de
Janeiro, Brasil.....124

**Museología, Patrimonio, Interculturalidad: museos inclusivos, desarrollo
y diálogo intercultural**
DECAROLIS, Nelly - ICOFOM e ICOFOM LAM, Argentina.....136

Questões sobre Museologia e Patrimônio
GUARILHA, Hugo, SCHEINER, Tereza, FAULHABER, Priscila - PPG-PMUS,
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, UNIRIO / Museu
de Astronomia e Ciências Afins - MAST, Brasil.....143

**Museólogo em ateliês de artistas contemporâneos - “coleções visitáveis”:
a aplicação do Termo e do Conceito Museólogo em espaços diferentes de
museus**
LIMA, Diana Farjalla Correia, COSTA, Ludmila Leite Madeira da - PPG-PMUS,
UNIRIO/MAST, Brasil.....158

Antropofagia e Museofagia: desvelando relações interculturais
MELO, Diogo Jorge de, MONÇÃO, Vinicius de Moraes, AZULAIA, Luciana Cristina
de Oliveira, SANTOS, Mônica Gouveia dos - Universidade Federal do Pará /
UFPA, Brasil.....165

**Museologia. Patrimônio. Participação. Integração. Inclusão. Notas para
uma análise de termos e conceitos relativos à teoria e à prática no Museu -
e para o Museu**
SCHEINER, Tereza Cristina - PPG-PMUS, UNIRIO/MAST, Brasil.....174

Entre o reflexo e a reflexão: por detrás das cortinas da performance museal
SOARES, Bruno César Brulon - Universidade Federal
Fluminense / UFF, Brasil.....192

G-02 Museologia, políticas públicas e inclusão social
Museología, políticas públicas e inclusión social.....205

**Políticas da Cultura e Espaços Decoloniais: elementos para uma teoria
sobre o Museu Inclusivo**
Alexandro Silva de Jesus.....206

	O corpo e o patrimônio cultural: o corpo fala, o corpo inventa, o corpo traduz: a construção discursiva da imagem sociocultural de si pelo(s) outro(s)	
	REIS, Maria Amélia Souza Reis - PPG-PMUS, UNIRIO/MAST, Brasil e Universidade de Coimbra, Portugal.....	219
	Museologia e Comunicação: o papel das exposições como estratégia de mediação entre museu e sociedade	
	RIBEIRO, Priscila Zurita, COSTA, Heloisa Helena G. da - PPG-PMUS, UNIRIO/MAST, Brasil.....	231
	Museología e Inclusión Social: ¿Es posible el empoderamiento de los visitantes de los museos?	
	RISNICOFF de Gorgas, Mónica - Museo de la estancia Jesuítica de Alta Gracia, Córdoba, Argentina.....	240
G-03	Museologia e biodiversidade: teoria e práticas do patrimônio integral	
	Museología y biodiversidad: teoría y prácticas del patrimonio integral.....	247
	A relação da Museologia com o meio ambiente e os Parques Nacionais	
	BELIANI, Elisama, SCHEINER, Tereza - PPG-PMUS, UNIRIO/MAST, Brasil.....	248
	Tramas da Memória: entrelaçando as ideias de Patrimônio e Museu no Corpo da Cidade	
	LIMA, Diana Farjalla Correia, CASTILHO, Emerson Ribeiro - PPG-PMUS, UNIRIO/MAST, Brasil.....	261
	Museologia e Meio Ambiente: Homem e Natureza como um todo	
	SUESCUN Florez, Lilian M., SCHEINER, Tereza - PPG-PMUS, UNIRIO/MAST, Brasil.....	271
G-04	Museologia, patrimônio e a questão da técnica: pensando a ciência e a tecnologia na relação com o Museu	
	Museología, patrimonio y el tema de la técnica: pensando la ciencia y la tecnología en la interface con el Museo.....	279
	Las TIC's y la Museología: hacia la socialización de la colección de los museos	
	VALBUENA, Gina Ojeda - Universidad Francisco de Miranda, Coro, Venezuela.....	280
	LISTA DE AUTORES / LISTADO DE AUTORES.....	293

PATRIMÔNIO COMO VALOR, ENTRE RESSONÂNCIA E ADERÊNCIA

Luiz C. Borges e Marcio D’Oliveira Campos

RESUMO

Como ponto de partida, assumimos que o termo/conceito patrimônio é polissêmico. Seu campo semântico e uso enunciativo contêm elementos de significação que incluem referências ao direito romano – quando se aplicava aos bens familiares passíveis de serem transmitidos ou herdados –; conjunto de ideias e políticas acerca da preservação de bens culturais tangíveis; e, finalmente, passando por deslocamentos tanto conceituais quanto discursivos, concerne não apenas aos bens, como também aos valores de que tais bens encontram-se investidos, com isso abrangendo o que, sinteticamente, pode ser chamado de memória social (saberes, fazeres, rituais, organização social etc.). Assim sendo, falar em patrimônio significa simultaneamente referir-se ao processo e a seu resultado. Este trabalho se propõe a, partindo da noção de patrimônio como valor, avançar a hipótese de que o patrimônio pode apresentar-se de modo constitutivo, ou inerente à instituição da memória e da identidade de qualquer sociedade, e de maneira mostrada, aquela que comumente se oferece a nós, na forma de objetos e/ou traços culturais. Deve ficar claro que ambas as formas de patrimônio estão sujeitas à avaliação social, na qual atuam, na perspectiva teórica aqui adotada, dois eixos definidores: de um lado, a ressonância (referente a afeitos de memória entre um bem cultural e um sujeito ou um grupo) e, de outro, a aderência (relativa ao grau maior ou menor de relevância para um sujeito pertencente ao contexto de determinado bem). Como exemplo de aplicação dessa proposta matricial, utilizaremos o filme “A festa de Babete”, a fim de verificar, no caso desse filme, como se mostra tanto a relação patrimônio-valor, quanto a relação ressonância-aderência.

Palavras-chave: Cultura, Musealização, Patrimônio, Ordem simbólica, Valor

ABSTRACT

Heritage as value, between resonance and adherence

As a starting point, we take as granted that the term/concept heritage is polysemic. Its semantic field and enunciatory usage contain signifying elements that include references to Roman law – when it was applied to goods that should be inherited or transmitted into the family –; to a set of ideas and policies towards the preservation of tangible cultural goods; and, finally, after some conceptual and discursive displacement, not only to goods, but also to values those goods are invested of, in a way that it embraces what can, in short, be called social memory (lore, how-to-do, rituals, social organization etc.). Therefore, heritage means simultaneously the process and also its outcome. The purpose of this paper is, based on the assumption that heritage means value, to advance the hypothesis that heritage may appear as a constitutive element both of memory and social identity, and in a displayed manner, that which is usually presented to us as objects or cultural features. It should be clear that both forms of heritage depend on social evaluation, in which play a role, in the theoretical perspective here adopted, two defining axis: on one hand, resonance (referring to memory effects between a cultural good and an individual or a group of individuals) and, on the other, adherence (relative to greater or minor relevance for an individual who belongs to the same context of any cultural object). As an example of application of that matrixial proposition, we will comment the film “Babete’s feast”, in order to verify, in the case of this film, how the relation heritage-value as well as the relation resonance-adherence appear.

Keywords: Culture, Heritage, Musealization, Symbolic order, Value

RESUMEN

Como punto de partida, tomamos por supuesto que el término/concepto patrimonio es polisémico. Su campo semántico y su uso enunciativo contienen elementos de significación que incluyen referencias al derecho romano – cuando se aplicaba a los bienes que podrían ser heredados o transmitidos en la familia -; conjunto de ideas y políticas sobre la preservación de los bienes culturales tangibles; y, finalmente, pasando por desplazamientos tanto conceptuales como discursivos, se refiere no solamente a los bienes, sino también a los valores atribuidos a dichos bienes, de manera que con eso abarca lo que puede, en definitiva, ser llamado de memoria social (saberes, maneras de hacer, rituales, organización social, etc.). Por lo tanto, hablar de patrimonio significa al mismo tiempo referirse al proceso y al resultado. Este trabajo se propone a, partiendo de la noción de patrimonio como valor, adelantar la hipótesis de que el patrimonio puede presentarse de modo constitutivo, o inherente a la institución de la memoria e de la identidad de cualquier sociedad, y de manera mostrada, o sea, aquella que en general se presenta a nosotros en la forma de objetos o rasgos culturales. Debe quedar claro que ambas las formas de patrimonio son sujetas a evaluación social, en la cual son actantes en la perspectiva teórica adoptada aquí, dos ejes definidores: por un lado, la resonancia (refiriéndose a los efectos de memoria entre un bien cultural y un individuo o un grupo de individuos) y, por otra, la adherencia (en relación con el mayor o menor grado de relevancia para un individuo que pertenece al contexto de determinado bien cultural). Como ejemplo de aplicación de esa propuesta matricial será utilizada la película “La Fiesta de Babette”, con el fin de verificar, en el caso de esa película, como se presenta tanto la relación patrimonio-valor, así como la relación resonancia-adherencia.

Palabras clave: Cultura, Musealización, Património, Orden simbólico, Valor

1. Introdução

Propomo-nos a tecer algumas considerações acerca da relação patrimônio¹ e valor. Isso aponta, em primeiro lugar, para duas dificuldades. A primeira concerne a que, desde pelo menos os filósofos da antiguidade grega (para ficarmos num recorte temporal e espacial razoavelmente confortável ou aceitável), muito já se disse sobre valor e há considerável volume de conceitos, proposições e argumentações a favor, ou contra, este ou aquele significado específico de valor. A segunda concerne ao fato de que o significante valor funciona, semântica e enunciativamente, como um portemanteau. Desse forma, os argumentos possíveis de preencher as reticências da fórmula “valor é...” têm variado no tempo, no espaço, assim como em consonância com a filiação teórica dos autores. Finalmente, podemos dizer que valor pertence (tal como espaço, tempo, matéria, ser, real, entre outras) à categoria do indecível e do indefinível. Por isso mesmo, não importa o quanto já se disse sobre ela, há sempre a possibilidade de dizer-se algo mais.

Nossa meta não é a mera afirmação da relação intrínseca ou imanente entre valor e patrimônio - pela qual, o primeiro termo é o que define, ou delimita, o segundo, de forma que não podemos propriamente falar de patrimônio a não ser como e a partir do valor que lhe advém por ser um fato social-histórico. Afinal, trata-se de uma questão já amplamente debatida e sobre a qual, a nosso ver, pairam poucas dúvidas. O que pretendemos, mais especificamente, é refletir sobre algumas flutuações semânticas e algumas consequências dessa relação/definição; especialmente no que respeita às

¹ A bibliografia sobre patrimônio é extensa e não cabe no escopo deste trabalho fazer uma revisão bibliográfica. Entretanto, indicamos para uma discussão mais ampla sobre esse tema, além dos citados no texto, Abreu; Chagas; Santos (2007), Abreu; Chagas (2009), Cabral (2010), Choay (2011), Fonseca (2009), Lima (2007), e Lima Filho; Eckert; Beltrão (2007).

políticas (de preservação, de educação) patrimoniais, elaboradas e/ou aplicadas em diferentes níveis de organização sócio-política, e nas quais subsiste, ainda, uma noção de patrimônio como propriedade herdada, ou a própria coisa (tomada como testemunha ou representante de uma cultura ou sociedade), isto é, uma noção em que patrimônio é primordialmente entendido como objeto de herança coletiva.

Ademais, a noção de patrimônio como valor se reflete/refrata no uso enunciativo do termo-conceito patrimônio, bem como nos critérios de distinção que permitem, dentre um conjunto de bens culturais, apontar/nomear algo como patrimônio. Ao tratar da necessária relação entre bem cultural e valor para uma definição de patrimônio, Waldísia Rússio Camargo Guarnieri afiança que, para ser patrimônio, é imprescindível que um bem cultural esteja investido de valor, e que esse valor não satisfaça apenas a uma parcela da sociedade (GUARNIERI, 2010a). No entanto, os sentidos de patrimônio, alargando-se, sofreram um processo de globalização, pelo qual, como afirmam Desvallées e Mairesse (2011, p. 437) “no limiar do século XXI, o patrimônio tornou-se, virtualmente, tudo aquilo que um grupo decide chamar como tal – tradução nossa”. Por outro lado, a definição formal e restritiva de patrimônio se aplica, por exemplo, à noção de semióforo¹¹ (POMIAN, 1984) – que só pode, por definição, ser aplicada a um ou alguns dentre um conjunto de similares. Isso permite pensar que a categoria semióforo se aplica a posteriori a um bem que se distingue ou que, tendo-se individualizado, é tomado metonimicamente como um representante autorizado de uma categoria sócio-cultural. Dito de outra forma, somente depois que um objeto, artefato ou bem cultural se torna distinto – em relação a outros de mesma categoria –, isto é, que é posto em evidência, é que ele se torna um semióforo. Outra questão, diretamente relacionada a isso diz respeito à necessidade de determinar o que, em tais contextos, os significantes “patrimônio”, “simbólico”, “significação”, “valor” e “uso” significam.

Assim, não nos propomos a elaborar uma cartografia do valor. Trataremos do valor a partir da noção que Marx (1983, 2008) atribui ao termo. Assim, seguindo a noção marxiana de valor: valor equivale ao trabalho humano, ou à substância social inerente a cada coisa que existe no mundo humano. Isto significa que cada coisa humanamente produzida incorpora essa substância social (histórica, cultural, na forma de uma fração do valor que, como tal, só existe (conceitualmente) na sociedade em seu conjunto). O que é o mesmo que dizer que cada sociedade, em seu tempo ou a cada tempo, produz para si mesma seu conjunto de valores. Afinal, como afirma Guarnieri, cultura “não é mais do que o trabalho do homem. [...]. Por isso dizemos que o homem, em seu viver, constrói sua cultura e se realiza a si mesmo ao realizar sua história” (GUARNIERI, 2010b, p. 164; 2010c). Para fins analíticos, valor se subdivide em:

1. valor de uso, valor em-si ou valor propriamente dito
2. valor de troca, valor para-si ou valor atribuído a partir da relação de equivalência entre duas coisas, e cujo fim é a troca.

No que tange a patrimônio, partimos da assunção de que patrimônio é valor, tal como em Guarnieri (2010a), Boylan (2006), Davallon (2006), dentre outros. Logo, patrimônio não é o objeto (tangível ou intangível), e a sua materialidade é de ordem histórica, uma vez que se constitui relativamente à sua inserção a um complexo histórico e cultural específico (simbólico e imaginário) de cada sociedade. Em certo sentido, podemos dizer que patrimônio é valor-coisa e não coisa-valor. Entendemos a coisa-valor como aquilo que, sendo produzido em uma sociedade, passa a incorporar e mesmo a acumular determinados valores (cf. DAVALLON, 2006; POMIAN, 1984). Ao longo do itinerário simbólico da coisa-valor, pode suceder que ela seja acumulada de valores,

¹¹ Do grego semeion, ‘sinal’, e phóos ‘expor’, ‘carregar’, ‘brotar’ > phorós, ‘que leva’, ‘que sustenta’, ‘que carrega’.

os quais podem ser, alternada ou simultaneamente, evidenciados. A definição de patrimônio a partir da noção de coisa-valor é problemática, porque pressupõe uma situação cultural e teórica na qual seria possível conceber que coisa e valor possam, existir separados e que valor é algo atribuído, a posteriori, à coisa. Em nosso entendimento essa separação é uma impossibilidade, como o demonstra Cornelius Castoriadis (1997), uma vez que o que quer que seja produto do trabalho humano já tem em si mesmo valor, desde o momento em que é pensado/desejado, até o seu uso e desuso, uma vez que é gerado e tem uso social dentro de uma sociedade e de seu sistema dinâmico de valores. É neste sentido que podemos conceber o patrimônio como valor-coisa, isto é, em que valor é intrínseco e inalienável da coisa enquanto produto cultural^{III}.

Desse modo, pretendemos, de um lado, nos contrapor a um preceito largamente empregado e repetido de que, ao ser musealizado, um objeto perde seu valor de uso e passa a ter apenas valor simbólico. Há duas questões que se impõem nessa asserção: a) o que significa aí valor de uso, especialmente quando temos em mente o deslocamento de um objeto do lá de onde fora produzido/usado para o aqui do acervo e da exposição?; b) o que significa, nesta acepção, valor simbólico? A nosso ver, nenhum objeto perde seu valor de uso, sendo este o valor em-si, e que a expressão “valor de uso”, tal como é geralmente empregada por Pomian (e outros, em uma rede de paráfrases) sustenta-se em um equívoco semântico, pragmático e teórico. O mesmo acontece com o sentido que é, aí, atribuído a simbólico.

Como afirma Pomian (1984), o valor de troca é inseparável do objeto, uma vez que objetos culturais que fazem parte de coleção, ou que são musealizados, sendo semióforos, tornam-se, igualmente, bem apreciados ou valorizados (cf. DAVALLON, 2006). Conquanto, no geral, objetos de acervo (musealizados ou não) não sejam trocados – e aqui é preciso dizer que o valor de troca pode ser integral ou parcial, efetivo, latente ou virtual – ainda assim eles possuem valor de troca. Essa potencialidade do valor de troca se expressa, por exemplo, quando se diz que um museu adquiriu (comprou) um quadro ou qualquer outro objeto (por x, sendo esse x equivalente a valor de mercado). Em um enunciado dessa espécie, o que se afirma é que esse objeto – em exposição ou integrando um acervo – tem um valor de mercado que se encontra nele embutido, embora se exerça de forma latente. O mesmo vale quando se diz que é preciso assegurar um objeto, uma obra ou a totalidade do acervo – por exemplo, o acervo de instrumentos científicos do Museu de Astronomia e Ciências Afins. Embora, em si mesmo, esse acervo não possa ser reduzido a um quantum monetário, a ele pode ser atribuído um valor de seguro, e isso tem ver também com o mercado, ainda que de forma indireta ou potencial. Em ambos os casos, estamos às voltas com o valor de troca, no sentido de que o acervo equivale a um x, onde x é um montante em moeda padrão. De certa forma, Davallon perpassa essa questão ao tratar da valorização, a partir do chama de *mise en exploitation*.

De outro, discutir: a) se patrimônio implica valor, o que vem a ser patrimônio no contexto de uma política patrimonial (governamental ou transgovernamental) e b) o processo pelo qual, mediante um ato de vontade (seja de especialistas, seja de representantes comunitários) x é apontado como patrimônio (tangível/intangível, local/mundial/da humanidade, cultura/ambiental, artístico/histórico ou qualquer outro tipo). Se patrimônio é valor ou coisa-valor, então não se poderia ou deveria nomear isto ou aquilo como patrimônio, especialmente levando-se em conta que, muitas vezes, esse processo resulta de uma escolha arbitrária (na qual funciona uma estratégia discursiva do tipo “por em evidência x e, em consequência, silenciar sobre y”).

Por outro, como determinar que um produto ou bem cultural qualquer seja considerado patrimônio? Em primeiro lugar, observando-se a noção de valor. Afinal, em uma sociedade, tudo

^{III} Contudo, se tudo em cultura é investido de valor, nem tudo é patrimônio.

tem valor simbólico-imaginário, embora nem tudo tenha o mesmo valor, e é nessa diferença de valor que a determinação do que seja patrimônio pode-se dar. Em segundo, em vista desse alto grau de complexidade, percebemos que não é possível fazer essa detecção de valor com base apenas em critérios puramente formais e/ou políticos.

Em vista disso, elaboramos uma proposta que consiste em estabelecer uma matriz cujo primeiro componente é o que, Gonçalves (2007), a partir de Greenblat, chama de ressonância. Todavia, consideramos que, isoladamente, ressonância não consegue abranger a complexidade que a relação homem-bem cultural, base para a determinação do patrimônio, comporta. Assim, propomos que o segundo componente da matriz seja o que vimos chamando de aderência (Borges, 2011; Borges, Campos, 2012). Acreditamos que, de um ponto de vista antropológico, o resultado da aplicação dessa matriz pode auxiliar a determinar se um bem cultural qualquer é ou não, considerado patrimônio por uma dada comunidade, seja no todo, seja por uma parcela.

2. Patrimônio e valor

Ao partirmos do pressuposto de que, intrinsecamente, patrimônio é valor, assumimos, igualmente, quatro premissas que são consequentes a essa assunção. A primeira premissa estabelece que patrimônio, sendo valor (simbólico), não é a coisa, mas aquilo que a coisa representa (valor-coisa), e que isso permite falar de patrimonialidade. A segunda implica que, enquanto valor, é preciso observar a relação simbólico-afetiva entre uma dada comunidade e os bens culturais. A terceira consiste em, com base na teoria do valor e na conceituação de patrimônio como categoria do pensamento (GONÇALVES, 2007), propor a existência de uma forma-patrimônio, a qual se apresenta em duas modalidades: o patrimônio constitutivo, instituinte ou fluido (patrimônio em-si), concebido como heterogeneidade, tratando-se, portanto, de um elemento constitutivo de qualquer sociedade; e o patrimônio mostrado, instituído ou imaginário^{IV} (patrimônio para-si), visto como homogeneidade, e que se refere aos objetos/bens culturais possíveis e alienáveis. A quarta consiste em que, para que um bem cultural seja considerado patrimônio, isto é, ser cultural, histórica e afetivamente significativo para alguém ou grupo social, é preciso que o traço ou tradição cultural, candidato a patrimônio, seja mensurado com base em uma matriz analítica composta, no eixo horizontal, pela ressonância, e, no eixo vertical, pela aderência.

Guarnieri, por sua vez, afirma, em relação a patrimônio – e em particular ao musealizado –, que: a) nem todo produto cultural, de qualquer espécie, é patrimônio, de forma que não existe o patrimônio em-si; b) que algo se torna patrimônio e que isso só acontece quando é investido de valor (histórico, artístico, científico, tecnológico, gastronômico etc.). Logo, só existe patrimônio para-si. De todo modo, patrimônio se inscreve (duplamente) na ordem simbólica e, por conseguinte, aquilo que, de fato, significa a “patrimonialidade” de um objeto ou bem cultural, pertence à esfera da intangibilidade. Logo, o patrimônio, por ser valor e categoria de pensamento, é, por excelência, intangível ou simbólico-cultural. Em vista disso, estamos convencidos que a teoria do valor pode dar ossatura histórica ao conceito gonçalviano.

Resumidamente, a teoria do valor, em Marx, se desenvolve do seguinte modo. Valor de uso é aquilo que é específico ou intrínseco da coisa; que é relativo às necessidades humanas, por isso, o valor de uso constitui o conteúdo da coisa. O valor de uso, para além das propriedades físicas da coisa e de sua função ou utilidade, tem como propriedade intrínseca, inalienável, o

^{IV} As noções de fluido/imaginário, aplicadas ao patrimônio, foram decalcadas de Orlandi (1990); as de constitutivo/mostrado, de Authier-Revuz (), e as de instituinte/instituído, de Castoriadis (2010). Por outro lado, o termo imaginário se refere ao patrimônio que é objeto teórico, de taxonomias, de registros formais e de políticas de patrimonialização ou de musealização. Processos pelos quais, em geral, apagam-se as tensões e disputas no/do jogo social e político da memória.

fato de ser produto do trabalho humano, realizado no interior de uma conjuntura sócio-cultural, determinada, por sua vez, por uma formação histórico-ideológica. Trata-se de um valor no qual se encontra internalizado e “objetivizado ou materializado trabalho humano abstrato” (MARX, 1983, p. 47). Enfim, “valores de uso são, de modo imediato, meios de existência. Inversamente, esses meios de existência são produtos da vida social, resultado da força vital gasta pelo homem, de trabalho objetivado” (MARX, 2008, p. 53).

Já o valor de troca não é específico da coisa e resulta de uma relação em que valores de uso são permutáveis. Ao falarmos em valor de troca, supomos a relação de uma coisa com outras em um processo de permutação, condição na qual a coisa permutada se torna mercadoria. Enquanto um meio imediato de satisfação das necessidades humanas, uma coisa é apenas dotada de valor de uso e sobre ela não incide valor de troca, uma vez que “um valor de troca imanente, intrínseco à mercadoria [...] [é], portanto, uma *contradictio in adjeto*” (MARX, 1983, p. 46), justamente por que o valor de troca aparece “como a relação quantitativa, a proporção na qual valores de uso de uma espécie se trocam” (MARX, 1983, p. 46).

Podemos ver como isso se aplica, se tratarmos, ainda que brevemente, do caso dos instrumentos científicos e tecnológicos. Segundo Brenni (2007), a vida dos objetos científicos e/ou tecnológicos pode ser dividida em 3 grandes fases, pensando-se na funcionalidade desses objetos: a primeira é a fase ou função científica dos objetos ou instrumentos; a segunda é a fase é a fase pedagógica dos instrumentos; a terceira é a fase ou função expositiva ou museológica. O que observamos é que em todas as fases, o instrumento teve modificada sua função utilitária, mas manteve seu valor de uso, ao qual outros valores foram sendo agregados. Os objetos/instrumentos musealizados e expostos, por exemplo, passaram a ter uso/valor de uso expositivo (cf. BENJAMIN, 1994). Quanto ao valor de troca, também é possível verificar sua aplicação em muitos casos (aparentemente) não comerciais ou mercadológicos. Por exemplo, na permuta de objetos de acervo, na compra/venda de objetos para integrar uma coleção de uma instituição etc. Mesmo nos casos de inalienação, cada objeto é avaliado e lhe é atribuído um valor de mercado, especialmente quando se trata de assegurar o acervo como um todo ou partes dele.

Em Pomian, considerando-se os seus argumentos em relação à coleção e aos objetos que a compõem, essa relação de valor encontra-se invertida. Segundo ele, os objetos “ao entrarem numa coleção ou num museu, perdem o seu valor de uso [...]. Logo, pode-se afirmar que os objectos que se tornam peças de coleção ou de museu têm um valor de troca sem terem valor de uso” (POMIAN, 1984, p. 54), passando a ter, apenas, valor simbólico. Em primeiro lugar, não há no mundo humano nada que não seja primariamente dotado de valor simbólico. Isto é, o valor simbólico não é algo que seja a posteriori atribuído a uma coisa, uma vez que tudo tem “para os homens [...] sentido e significação peculiares, assume o carácter de bem, de valor [...]” (GUARNIERI, 2010b, p. 165). É interessante notar em torno dessa afirmativa de Pomian duas características. A primeira é que se construiu, a partir dela, uma rede de paráfrases; a segunda é que essa assertiva é já uma paráfrase^v de uma afirmativa de Buchalski, Konarsky e Wolff, de quem Pomian cita a seguinte passagem: “[...] tornar acessíveis os documentos que, tendo perdido a sua antiga utilidade quotidiana e considerados por isso supérfluos nas repartições e nos depósitos, merecem todavia ser preservados” (apud POMIAN, 1984, p. 53). Observemos o deslizamento de “utilidade cotidiana” para “perdem seu valor de uso” operado por Pomian. Destacamos, ainda, o esforço de Pomian para deslegitimar qualquer outro significado do significante “uso” que não seja relacionado à funcionalidade ou utilidade de um objeto.

^v Citamos, aqui, para ilustrar, apenas dois exemplares dessa rede parafrástica: “[...] não mantêm, portanto, o mesmo valor de uso comum, no caso o funcional, mas um valor, agora redimensionado, baseado em seu significado e nas informações que podemos obter a partir deles” (GRANATO; MIRANDA, 2011, p. 280-281); “[...] são objetos portadores de significação que perderam sua função original, como também seu valor de troca e que adquirem, ao ser colecionados, novas significações simbólicas” (BERGERON, 2011, p. 55 – tradução nossa). Discursivamente, a trama parafrástica faz operar, sobre a memória, um efeito estabilizador da significação.

Diferentemente de Marx para quem “uso” se refere a produto do trabalho humano, e de Benjamin (1994) que atribui, em determinados casos, um valor de culto ou de exposição a um objeto, Pomian, ao interditar sentidos possíveis a “uso”, pode afirmar que um objeto (uma pintura, por exemplo) tem valor de troca sem ter valor de uso, uma vez que nunca foi usado ou teve utilidade.

Essa afirmativa tão disseminada no campo do patrimônio resulta, segundo pensamos, de uma confusão entre valor de uso, propriamente dito, e a utilidade ou funcionalidade de um objeto, isto é, a razão primeira que levou à sua produção. Na tradição de Samuel Bailey (1791-1870) – para quem o valor de troca é imanente e o de uso é um atributo humano de que a coisa se investe – Pomian afirma que uma coisa pode ter valor de troca sem ter valor de uso. Em primeiro lugar, valor é sempre um atributo social-histórico e, portanto, é referido à esfera do simbólico. Em segundo, se alguma coisa apresenta valor de troca é porque teve de “comprovar-se como valor de uso, antes de poderem realizar-se como valores [de troca]” (MARX, 1983, p. 80)^{vi}. Sendo assim, é possível inferir, seguindo Davallon (2006), que patrimonializado e musealizado um objeto não perde seu valor de uso, embora, possa sofrer alterações em seu valor de troca e em sua funcionalidade.

3. Revocar o patrimônio

Ao tratar do patrimônio como categoria de pensamento, Gonçalves utiliza-se do conceito de “ressonância”, tal qual proposto por Stephen Greenblatt.

Por ressonância eu quero me referir ao poder de um objeto exposto atingir um universo mais amplo, para além de suas fronteiras formais, o poder de evocar no espectador as forças culturais complexas e dinâmicas das quais ele emergiu e das quais ele é, para o espectador, o representante (GREENBLATT, apud GONÇALVES, 2007, p. 215).

Portanto, ao falarmos de ressonância reportamo-nos à potencialidade de um objeto ou acontecimento (um ritual, por exemplo) afetar um sujeito de modo a provocar efeitos de memória relativos a esse objeto ou acontecimento. Esse efeito sobre a memória e o imaginário é produzido pelo poder de evocar, mediante o qual o objeto traz à presença algo que só pela rememoração se manifesta. Além de ressonância, Greenblatt (1991) utiliza-se também do conceito de encantamento (*wonder*), o qual se refere ao poder de uma obra, objeto ou evento chamar a atenção de alguém, levando-o a interromper seu trajeto para deter-se e admirar, ou o induza à indagação, despertando-lhe o desejo de saber mais sobre a obra, artefato ou ritual, por exemplo.

No entanto, a ressonância se manifesta através da evocação que, além de efetuar-se de modo genérico, não afeta do mesmo jeito e nem com a mesma intensidade sujeitos que possuem diferentes referências culturais. Tomemos como exemplo um objeto exposto em um museu – suponhamos o *mekuton*^{vii} – que tem origem num contexto sócio-cultural determinado (o mundo *kayapó*). Imaginemos que esse objeto está sendo admirado por

^{vi} Em termos aristotélicos (ver CASTORIADIS, 1997), sem a qual não é possível haver sociedade (conquanto a existência da sociedade seja condição necessária para haver troca, enquanto fato social), a troca possa ser diferenciada entre uma troca primária (*allagé*) que é instituinte, e uma troca secundária, derivada ou mostrada, entendida como transação e que é a materialidade da troca instituinte. Contudo, toda troca ocorre a partir da necessidade/atividade/uso (*chreia*) que a antecede e a determina. Assim, troca, valor, uso e patrimônio são formas do *logos* (argumento, reflexão, definição) e do *nomos* (a convenção, o instituído, norma sociopolítica, lei).

^{vii} Trata-se de um capacete-cocar que simboliza muitos aspectos do mundo cosmológico *kayapó*. É um documento que, além de narrar a história mítica desse grupo étnico, expõe parte do seu conhecimento concernente à relação terra-céu. Os *Kayapó*, um grupo do Tronco Macro-Jê, distribuem-se por uma extensão importante do Brasil central, com aldeias no Parque Indígena do Xingu, ao norte do Estado de Mato-Grosso e ao sul do estado do Pará.

dois visitantes. Um deles é um Kayapó e, portanto, pertence ao mesmo contexto cultural desse objeto, ao passo que o outro, não sendo Kayapó, pertence a um contexto cultural no qual tal objeto não tem referência. Nesse caso, embora, em ambos possa manifestar-se ressonância, a evocação provocada pelo objeto nesses visitantes não é a mesma, uma vez que o objeto lhes provoca ilações culturais, e históricas diversas. Os operadores conceituais estar aqui/estar lá de Geertz (1989) nos ajudam a compreender esse fenômeno. Conquanto os três participantes do efeito de ressonância estejam deslocados no estar aqui da exposição em um museu, aquilo que o mekuton provoca no visitante Kayapó remete-o ao estar lá na aldeia, uma vez que a relação entre ele e o objeto, sendo de pertencimento ou de familiaridade, é de maior proximidade. Podemos, então, dizer que para esse visitante existe uma relação de aderência ao objeto, em face da significação que tal artefato tem para o Kayapó. Ao passo que para um espectador não Kayapó, cujas referências culturais são estranhas ao objeto exposto, essa evocação remete-o ao estar lá em seu próprio referencial cultural e, neste caso, a sua experiência evocativa, frente ao mekuton, fica limitada aos elementos relativos a uma construção imaginária da categoria “índio”. Neste caso, pode verificar-se ressonância sem, contudo, haver aderência. Assim, quanto maior for a distância cultural entre objeto exposto e sujeito observador, menor será igualmente a possibilidade de aderência.

A afirmação de que patrimônio não se define como coisa, nem como propriedade ou herança (patrimônio instituído ou formalizado), mas como valor (patrimônio instituinte ou constitutivo), e que valor significa, precipuamente, a relação com uma dada formação histórica e cultural, implica que não basta um ato legal ou uma decisão de um segmento social para que, efetivamente, um bem cultural seja amplamente reconhecido como patrimônio. Daí a importância de se verificar o quanto um objeto ou traço cultural é significativo para uma dada comunidade, e isso implica saber o quanto e o quê esse objeto evoca, somado ao quanto e o quê ele representa para essa comunidade. Assim, um objeto, um artefato, um evento poderá ser considerado patrimônio (como expressão cultural simultaneamente instituinte e instituída) quando estiver investido de um alto grau de ressonância a de um grau elevado de aderência.

Procuraremos, a seguir, verificar como se manifestam a ressonância e a aderência, tomando como exemplo o que acontece durante o banquete mostrado no filme “A Festa de Babette”^{VIII}.

3.1 Ressonância e aderência no banquete de Babette

O ponto alto do filme “A Festa de Babette” é um banquete cujos aspectos simbólicos e antropológicos foram discutidos por Nei Clara de Lima (1996). Recorremos a esse filme, para, a partir desse jantar, mostrar alguns sequências alusivas às noções de ressonância e aderência.

Na Dinamarca do século XIX, duas irmãs (Martine e Felipa) vivem num vilarejo bastante isolado da costa da Jutlândia, em companhia de seu pai, pastor protestante de uma seita que ele próprio criou. As duas haviam-se decidido a ficar no continuando a servir ao pai e à igreja, prestando assistência aos necessitados.

Certa noite de 1871, Babette - uma chefe de cozinha fugida da França durante a repressão à Comuna de Paris - chega ao vilarejo e pede abrigo na casa das irmãs, recomendada por uma carta de Achille Papin, artista e cantor lírico que estivera no local e se encantara com a voz de Felipa. O pai consentiu que ele oferecesse aulas de canto à filha, mas esta, percebendo que Papin desejava que ela fosse com ele para Paris, interrompe as aulas e rejeita a proposta.

^{VIII} A Festa de Babette (Babettes Gaestebud), filme dinamarquês de 1987 dirigido por Gabriel Axel e com roteiro baseado num conto de Isak Dinesen (pseudônimo de Karen Blixen).

Em O ponto alto do filme “A Festa de Babette” é um banquete cujos aspectos simbólicos e antropológicos foram discutidos por Nei Clara de Lima (1996). Recorremos a esse filme, para, a partir desse jantar, mostrar alguns sequências alusivas às noções de ressonância e aderência. Na Dinamarca do século XIX, duas irmãs (Martine e Felipa) vivem num vilarejo bastante isolado da costa da Jutlândia, em companhia de seu pai, pastor protestante de uma seita que ele próprio criou. As duas haviam-se decidido a ficar no continuando a servir ao pai e à igreja, prestando assistência aos necessitados.

Certa noite de 1871, Babette - uma chefe de cozinha fugida da França durante a repressão à Comuna de Paris - chega ao vilarejo e pede abrigo na casa das irmãs, recomendada por uma carta de Achille Papin, artista e cantor lírico que estivera no local e se encantara com a voz de Felipa. O pai consentiu que ele oferecesse aulas de canto à filha, mas esta, percebendo que Papin desejava que ela fosse com ele para Paris, interrompe as aulas e rejeita a proposta. Em troca do abrigo e visando superar as eventuais dificuldades da rigidez luterana, Babette se propõe a cozinhar e ajudar na faxina da casa. Ela esmera-se, por exemplo, em preparar a sopa de peixe que as irmãs sempre ofereceram aos pobres do vilarejo, com isso acrescentando à sopa um novo e apreciável sabor para o regalo dos beneficiados.

Alguns anos depois da morte do pastor, as irmãs, que se encarregaram de realizar o culto em sua casa, decidem, em conversa com os fiéis, comemorar o centenário de nascimento do pai, que então se avizinhava. Babette, que havia ganho uma fortuna na loteria francesa, pede às irmãs que aceitem que ela prepare o jantar de comemoração. Inicialmente, os fiéis ficam receosos de aceitar um banquete francês, com medo de que o acontecimento atentasse contra alguma lei divina. Depois de um tempo, decidem aceitar a proposta, comprometendo-se a comer em silêncio, e a não manifestar qualquer sinal de prazer pela comida a ser servida. Babette ocupa-se da preparação do jantar do qual também participaria um importante convidado, o General Lorens Loweinhein, e sua tia, conhecida da família do pastor. Este, quando jovem tenente, ao passar uma temporada no vilarejo, se apaixonara por Martine que, no entanto, havia rejeitado a possibilidade de um relacionamento. Notemos que as irmãs manifestaram, cada uma por sua vez, sua rejeição a qualquer mudança de vida, optando por dedicar-se à igreja e à comunidade, o que parece indicar uma forma de aderência a esse lugarejo e ao modo vida luterano.

Babette viajou para comprar o material necessário para o jantar e, ao verem-na chegar com bebidas, gelo, codornas, louças e talheres, tudo muito variado e requintado, as irmãs e os fiéis ficam intimidados, achando que o evento possa representar um pecado e um empecilho ao esforço de reconquistar fiéis que vinham se afastando da igreja. As irmãs receiam que o pai as esteja observando, como se estivessem preparando um sabá e, reunidos, os religiosos reiteram seu compromisso com o máximo de comedimento no ato de comer, durante o qual deveria manter uma atitude austera. Essa atitude deveria lhes garantir que tudo aconteceria como se eles nunca tivessem se permitido experimentar o prazer fornecido pelo paladar.

Esse comportamento dos comensais indica que a aderência dos fiéis aos costumes luteranos locais impede que o jantar comemorativo encontre ressonância entre eles. Por outro lado, Babette, que não pertencia à comunidade local embora essa nela encontrasse ressonância, passa a mostrar uma aproximação à cultura local e um afastamento ao seu referencial cultural de origem, o que implica uma diminuição da sua aderência em relação a essa, e um aumento de aderência em relação àquela, mesmo defrontando-se com resistência etnocêntrica manifestada pelo grupo local, que conflita com sua proposta de celebração.

Antes do jantar, as irmãs removem o retrato do pai da sala de jantar para outro lugar da casa. No início da refeição, o comportamento comedido dos fiéis contrastava com as apreciações do General que se mostra um conhecedor da boa comida e manifesta deleite pela qualidade de cada prato e bebida servidos.

A partir daí, os fiéis começam a demonstrar sinais de satisfação e a se permitir apurar o paladar. Manifestações por vezes intercaladas por frases de um discurso transversal denotando rejeição às coisas terrenas. Reafirmam, como dizia o pastor, que o que se pode levar da vida terrestre é o que damos aos outros. Mas, ao mesmo tempo, começam a apresentar cada vez mais expressões de satisfação, com brilho nos olhos. Passam a observar o comportamento do General, a participar de seu deleite e a imitar seus gestos.

Podemos dizer que houve ressonância na relação do General com o jantar oferecido. Notemos que tanto ele quanto Babette manifestam sua aderência aos hábitos gastronômicos e/ou culinários da alta cozinha francesa. Por seu turno, os fiéis parecem ultrapassar o estado de rejeição, permitindo-se saborear a comida e até mesmo procurando imitar os gestos do General que, no ritual do banquete, se torna, além de Babette, um importante mediador dessa superação ocorrida nos fiéis.

O momento em que os fiéis passam a mostrar sua integração ao banquete, pode ser identificado como um momento de ressonância, ao evocar neles “forças culturais e dinâmicas” que o jantar que Babette produziu. Neste sentido, os fiéis foram-se transformando de “puros” espectadores em participantes do jantar^{ix}. O processo que demarca essa transformação pode ser entendido como o de aumento do nível de aderência. No início, esse nível se encontrava um pouco acima da rejeição. Gradualmente, à medida que o jantar transcorre, o nível de aderência aumenta e, ao menos na atmosfera de maravilhamento por ele produzida, se torna bastante elevado.

Creemos ter podido, através da festa de Babette, demonstrar que ressonância e aderência operam complementar e dialeticamente. Reforçam-se e de seu entrelaçamento, numa dada situação cultural, podemos ter um registro daquilo que, para uma comunidade, determinado bem cultural ou objeto representa, enquanto valor relativo à memória e à identidade, uma vez que é justamente isso que ser patrimônio significa.

4. Considerações finais

O que nos motivou a discutir a noção de patrimônio foram alguns elementos que nos chamaram a atenção em textos de diversos autores concernente ao uso do termo patrimônio, e de expressões como “perda de valor de uso” e “passar a ter valor simbólico”. Em geral, observamos pouca reflexão sobre essas expressões que são usadas como afirmativas da verdade. Ora, sabemos todos que, no campo da ciência, toda verdade é sempre parcial e transitória.

Na maioria dos textos que tratam de patrimônio, inferimos uma sinonímia entre patrimônio e coisa, ou, ainda, o patrimônio, quando não identificado à coisa, aparece como algo auto-evidente, algo dado e desde sempre existente. Teórica e politicamente, questionávamos o predomínio nas políticas de patrimonialização, um modo de determinar patrimônio que atende precipuamente à satisfação de propósitos políticos. Por exemplo, ao se denominar algo como patrimônio mundial ou da humanidade, o que os significantes “patrimônio”, “mundial” e “humanidade” realmente significam?

^{ix} Em contraposição a um observador distante e neutro em relação ao observado, vale mencionar um conceito originário da física, o de „participador“. Ele nos permite refletir sobre ‚pesquisa participante‘ em ciências sociais da mesma forma que na física moderna do microcosmo que se constituiu a partir do século XX. Nela, observador, materiais, métodos e objeto de estudo, encontram-se tão inter-relacionados que o resultado de uma medida é modificado pela própria presença da observação. Segundo o físico J. A. Wheeler, „para descrever o que aconteceu tem-se que abandonar a palavra ‘observador’ e substituí-la pela nova palavra ‚participador‘. Em certo sentido, o universo é um universo participatório“ (WHEELER, 1973, p. 244).

Particularmente, interessava-nos ter uma clareza sobre dois pontos fundamentais: a) a relação patrimônio/valor e b) os sentidos da expressão “valor de uso” e, em especial, a que o significante uso se refere. Neste sentido, as reflexões de Guarnieri foram incentivadoras. E a teoria de valor, em Marx, além de esclarecedora, se adequa perfeitamente à questão patrimonial. Com isso e em oposição ao que propõe Pomian – em torno de quem gravitam inúmeros autores -, também pudemos mostrar que qualquer objeto e em qualquer situação que se encontre sempre mantém seu valor intrínseco enquanto produto da atividade humana, isto é seu valor de uso. É que, em seu itinerário histórico e simbólico, ao contrário de perder valor, ocorre, de fato, superposição de valores. Por outro lado, se existe valor é porque há significação e, por conseguinte, o valor simbólico é elemento constitutivo de qualquer objeto cultural. Em suma, valor (axia) define-se, sempre, em relação a alguma coisa, qual seja, só podemos estabelecer um valor-patrimônio no contexto de uma “relação a ...”, ou seja, de acordo, ou segundo (kata) as condições social-históricas específicas de uma comunidade e que, portanto, só podem ser mediadas e avaliadas em cada caso específico e não como categoria abstrata e deshistoricizada. Assim, deslocando-nos da concepção de patrimônio como partilhável (excludente), propomos que, com base na noção de valor, o patrimônio seja pensado como participável (includente). Logo, patrimônio, sendo valor-coisa e aparição, fenômeno historicamente materializável do valor, imbuí-se da posição/função de representante deste e de tudo aquilo que na e partir da coisa provoca/produz evocação, encantamento, relação de pertença e indicativo de identidade.

Referências

- ABREU, Regina; CHAGAS, Mário de Souza; SANTOS, Myrian Sepúlveda dos. (Orgs.). *Museus, coleções e patrimônios: narrativas polifônicas*. Rio de Janeiro: Garamond; MinC/Iphan/Demu, 2007.
- ABREU, Regina; CHAGAS, Mário de Souza. (Orgs.). *Memória e patrimônio. Ensaio contemporâneos*. Rio de Janeiro: Lamparina, 2009.
- AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. Heterogeneidade(s) enunciativa(s). *Cadernos de Estudos Linguísticos*, n. 19, p. 25-42, 1990.
- BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1994. (Obras escolhidas, vol. 1).
- BERGERON, Yves. Collection: regards & analyse. In: DESVALLÉES, André; MAIRESSE, François. (Dir.). *Dictionnaire encyclopedique de muséologie*. Paris: Armand Colin, 2011. p. 55-69.
- BORGES, Luiz C. Museu como espaço de interpretação e de disciplinarização de sentidos. *Museologia e Patrimônio*, v. 4, n. 1, 2011, p. 37-62. Disponível em <<http://revistamuseologiaepatrimonio.mast.br/index.php/ppgpmus>>. Acesso em 05. jan. 2012.
- BOYLAN, Patrick J. The intangible heritage: a challenge and an opportunity for museums and museums professional training. *International Journal of Intangible Heritage*, v. 1, p. 53-65, 2006.
- BRENNI, Paolo. Trinta anos de atividades: instrumentos científicos de interesse histórico. In: RIBEIRO, Ana Maria (Org.). *Caminhos para as estrelas: reflexões sobre um museu*. Rio de Janeiro: MAST, 2007.
- CABRAL, Magaly. (Coord.). *Museus e patrimônio intangível: o patrimônio intangível como veículo para a ação educacional e cultural*. In: BRUNO, Maria Cristina Oliveira. (Coord.). *O Icom-Brasil e o pensamento museológico brasileiro. Documentos selecionados*. Vol. 1. São Paulo: Pinacoteca do Estado: Secretaria de Estado da Cultura: Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus, 2010. p.158-171.
- CAMPOS, Márcio D’Oliveira; BORGES, Luiz Carlos. Percursos Simbólicos de Objetos Culturais: coleta, exposição e a metáfora do balcão. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*, v.7, n.1, p.113-130, jan-abr, 2012.

- CASTORIADIS, Cornelius. *As encruzilhadas do labirinto 1*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.
- CASTORIADIS, Cornelius. *A instituição imaginária da sociedade*. São Paulo: Paz e Terra, 2010.
- CHOAY, Françoise. *As questões do patrimônio*. Antologia para um combate. Lisboa: Edições 70, 2011.
- DAVALLON, Jean. *Le don du patrimoine*. Paris: Lavoisier, 2006.
- DESVALLÉES, André; MAIRESSE, François. (Dir.). *Dictionnaire encyclopedique de muséologie*. Paris: Armand Colin, 2011.
- FONSECA, Maria Cecília Londres. *O patrimônio em processo: trajetória da política federal de preservação no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2009.
- GEERTZ, Clifford. *Estar lá, escrever aqui*. *Diálogo*, v. 22, n. 3, p. 58-63, 1989.
- GONÇALVES, José Reginaldo Santos. *Antropologia dos objetos: coleções, museus e patrimônios*. Rio de Janeiro: Iphan-MinC, 2007.
- GRANATO, Marcus; MIRANDA, Luiz Roberto Martins de. *A restauração na trajetória de um teodolito do acervo do Mast*. *Anais do Museu Paulista – História e Cultura Material*, v. 19, n. 1, p. 279-312, jan./jun. 2011.
- GREENBLATT, Stephen. *Ressonance and wonder*. In: KARP, Ivan; LAVINE, Steven L. (Eds.). *Exhibiting cultures: the poetics and politics of museums display*. Washington: Smithsonian Institution Press, 1991. p. 42-56. Disponível em: <<http://www.calstatela.edu/faculty/jgarret/texts/Greenblatt-Resonance.pdf>>. Acesso em 29 set 2012.
- GUARNIERI, Waldísia Rússio Camargo. *Bem e patrimônio cultural*. In: BRUNO, Maria Cristina Oliveira. (Coord.). *Waldísia Rússio Camargo Guarnieri. Textos e contextos de uma trajetória profissional*. Vol. 1. São Paulo: Pinacoteca do Estado: Secretaria do Estado de Cultura: Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus, 2010a. p. 119-122.
- GUARNIERI, Waldísia Rússio Camargo. *A difusão do patrimônio: novas experiências em museus, programas educativos e promoção cultural*. In: BRUNO, Maria Cristina Oliveira. (Coord.). *Waldísia Rússio Camargo Guarnieri. Textos e contextos de uma trajetória profissional*. Vol. 1. São Paulo: Pinacoteca do Estado: Secretaria do Estado de Cultura: Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus, 2010b. p. 164-175.
- GUARNIERI, Waldísia Rússio Camargo. *Conceito de cultura e sua inter-relação com o patrimônio cultural e a preservação*. In: BRUNO, Maria Cristina Oliveira. (Coord.). *Waldísia Rússio Camargo Guarnieri. Textos e contextos de uma trajetória profissional*. Vol. 1. São Paulo: Pinacoteca do Estado: Secretaria do Estado de Cultura: Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus, 2010c. p. 203-210.
- LIMA, Diana Farjalla Correia. *Museologia e patrimônio interdisciplinar do campo: História de um Desenho (Inter)Ativo*. In: 8 ENANCIB – Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação, Salvador-Brasil, 2007. *Anais eletrônicos.....* Salvador: Ancib, 2007.
- LIMA FILHO, Manuel Ferreira; ECKERT, Cornelia; BELTRÃO, Jane Filipe. (Orgs.). *Antropologia e patrimônio cultural*. Blumenau: ABA: Nova Letra, 2007.
- LIMA, Nei Clara, *A Festa de Babette: Consagração do corpo e embriaguês da alma*. *Horizontes Antropológicos*, Ano 2, n. 4, p. 71-83, jan./jun. 1996.
- ORLANDI, Eni Pulcinelli. *Terra à vista. Discursos do confronto: velho e novo mundo*. São Paulo: Cortez, 1990.
- POMIAN, Krzysztof. *Coleção*. In: *Enciclopédia Einaudi. Memória – História*. Vol 1. Lisboa: Imprensa Nacional; Casa da Moeda, 1984. p. 51-86.
- WHEELER, John A. *From relativity to mutability*. In: MEHRA J.A. (ed.) *The physicist's conception of nature*. Dordre